

EDITORIAL

A nossa revista “Gestão pública: práticas e desafios” chega a sua edição de número sete. Bastante significativo, o sete evoca uma polissemia de sentidos.

Uma de suas nuances remete à ideia de perfeição. Sem querer discutir tal categoria em relação à publicação em si, fica, no entanto, premente a necessidade de uma busca constante, por parte dos gestores públicos, do aprimoramento de suas atividades, em todos os níveis e na pluralidade das funções. Quando acintes à dimensão ética são, a cada dia, mais recorrentes, impõe-se a urgência de reflexões que resultem em propostas a partir das quais se possa buscar a perfeição no gerir a *res publica*. Se a Academia nunca pôde oferecer apenas reflexões, atualmente teoria e prática não prescindem uma da outra; juntas, elas devem conduzir a novas formas de gestar e gerir, conduzindo, de forma imperiosa, a construções que impliquem impedimento para os que desejem optar pelo comportamento antiético hoje banalizado. A Academia deve contribuir com a edificação de diques contra a mediocidade.

O número sete também remete à ideia da criação que, segundo a tradição metafórica do livro sagrado do Cristianismo, foi completada em sete dias. Em cada número a publicação vê novas etapas sendo cumpridas. De forma análoga à da linha da narrativa teológica referenciada, é um processo que tem continuidade, pois aquela tradição coloca o homem como cocriador. E ainda mais: incorporando os novos valores de uma concepção ética mais ampla, acentua a preocupação com a preservação da complexidade do meio ambiente, necessário à manutenção da vida de todas as espécies, inclusive da humana.

O sete evoca, ainda, a união do céu e da terra, do bem e do mal, do divino e do humano. Em suma, assim como o número sete, que alcança sua excelência em uma multiplicidade que se harmoniza, este sétimo número continua contando com a valiosa contribuição de inúmeros colaboradores – aos quais somos sempre agradecidos – de diversas regiões do país, cada um escrevendo a partir da sua realidade e do campo do conhecimento do qual é pesquisador.

Podendo ainda lembrar que são sete as virtudes e os pecados capitais, assim como são sete os sacramentos e, também sete, são as notas musicais – os exemplos poderiam ter continuidade – entregamos ao público leitor o número sete da nossa revista. Com todas as analogias evocadas.

EQUIPE EDITORIAL